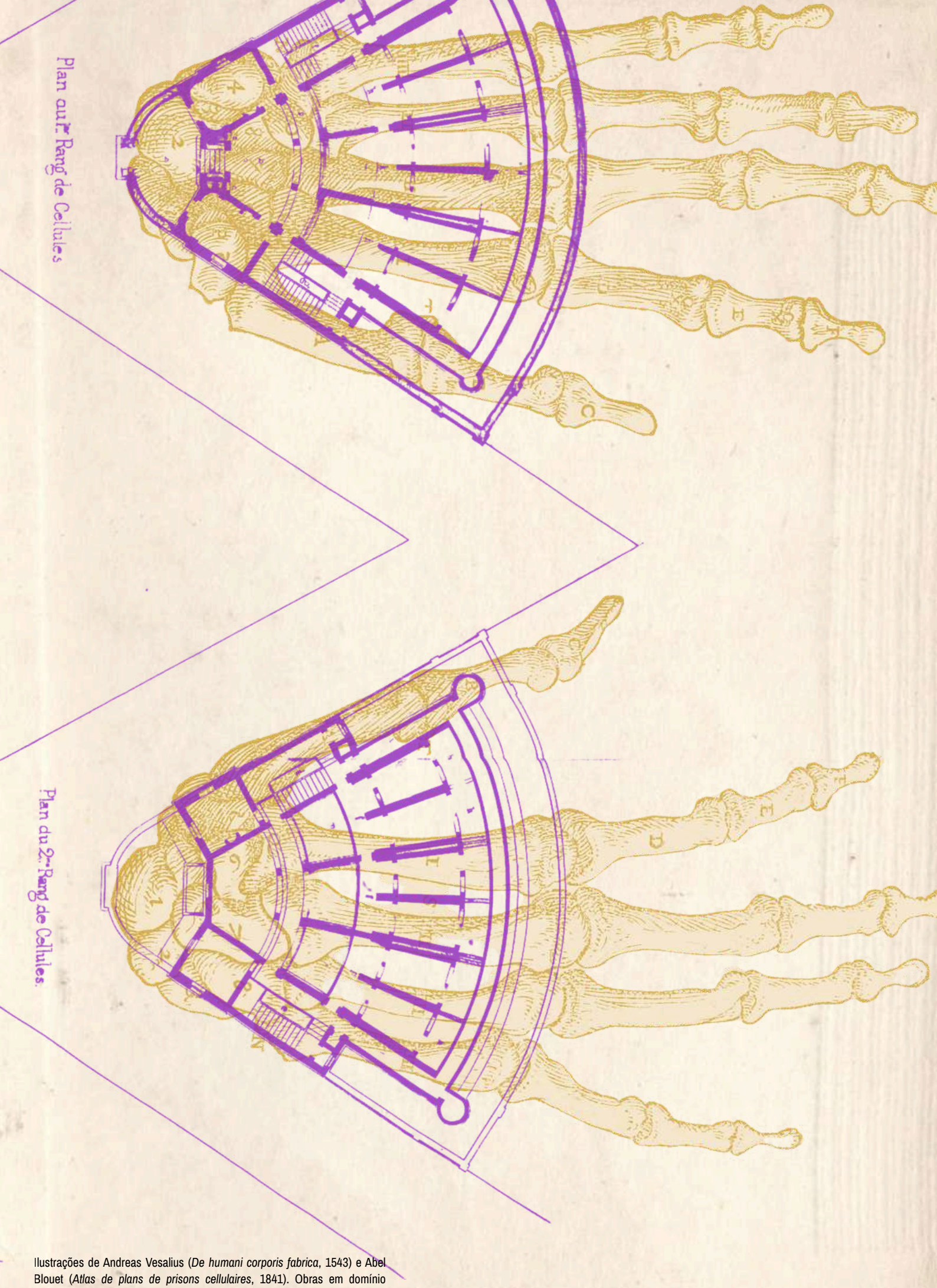


Ilustrações de Andreas Vesalius (*De humani corporis fabrica*, 1543) e Abel Blouet (*Atlas de plans de prisons cellulaires*, 1841). Obras em domínio público. Composição visual remixada.

TRADUÇÕES

O QUE DEVE SER FEITO EM RELAÇÃO À EXTREMA-DIREITA RADICAL?

WHAT IS TO BE DONE ABOUT THE RADICAL FAR-RIGHT?

¿QUÉ DEBE HACERSE FRENTE A LA EXTREMA DERECHA RADICAL?

Bernard E. Harcourt — Columbia University - Law School, Nova York, NY, Estados Unidos da América

Tradução por
Augusto Jobim do Amaral — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Paula Fernanda Failace Antunes de Oliveira — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Texto original: HARCOURT, Bernard E. What is to be done about the radical far-right? Hegel, Lenin, Bannon, and the Trump Revolution: On the Dialectics of Smashing the State. Bernard Harcourt, [S.l.], 13 out. 2025. Disponível em: https://bernardharcourt.substack.com/p/what-is-to-be-done-about-the-radical.

Submetido em: 30/05/2026
Aceito em: 31/05/2026
Publicado em: 07/08/2026

Como citar: HARCOURT, Bernard E.; AMARAL, Augusto Jobim do; OLIVEIRA, Paula Fernanda Failace Antunes de. O que deve ser feito em relação à extrema-direita radical?. *(Des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. e66443, jul./dez. 2026.

DOI: 10.53981/destrocos.v7i2.66443

Licenciado sob a CC BY 4.0.

Bernard E. Harcourt É professor Isidor and Seville Sulzbacher de Direito e Ciência Política na Columbia University (Nova York, EUA) e directeur d'études na École des hautes études en sciences sociales (EHESS), em Paris, França. Também atua como advogado e recebeu o prêmio Norman J. Redlich Capital Defense Distinguished Service Award, concedido pela New York City Bar Association por sua atuação na defesa de pessoas condenadas à pena de morte. É autor de *Political, Economics, and Social Theory* (Columbia University Press, 2023) e *Critique & Praxis: A Critical Philosophy of Illusions, Values, and Action* (Columbia University Press, 2020). Foi responsável pela edição da *Bibliothèque de la Pléiade* (Gallimard) de *Surveiller et punir*, de Michel Foucault, além da organização de diversos cursos do filósofo, entre os quais *Nietzsche. Cours, conférences et travaux* (EHESS/Gallimard/Seuil, 2024).

Augusto Jobim do Amaral é doutor em Altos Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra (2012); Doutor em Ciências Criminais PUCRS (2014). Professor Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Criminais e em Filosofia da PUCRS. Líder do Grupo de Pesquisa "Politicrim" (PUCRS).

Paula Fernanda Failace Antunes de Oliveira é graduanda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Integrante do Grupo de Pesquisa Politicrim (PUCRS). Bolsista de iniciação científica modalidade CNPQ (2025 – 2026).

Contribuição (CRediT)
A.J.A: Análise formal; Metodologia; Supervisão; Validação; Escrita (revisão).
P.F.F.A.O.: Investigação; Metodologia; Administração do projeto; Validação; Escrita (original)

Resumo
A extrema-direita na América tornou-se radical. No processo, superou estrategicamente os progressistas. Nos primeiros meses de seu segundo mandato, o Presidente Trump montou uma revolução (ou contrarrevolução) contra o Estado democrático liberal. Steve Bannon disse que era leninista e queria "esmagar o Estado". O Presidente Trump fez exatamente isso. Neste ensaio, exploro a adoção de Lenin pela extrema-direita. Retorno às raízes hegelianas da política de Lenin para explicar o que ele quis dizer com "esmagar a máquina do Estado". Argumento então que a esquerda deveria reclamar a dialética de Lenin e seu apelo, nas Teses de Abril, por uma segunda onda de movimentos sociais para superar a revolução do Presidente Trump. O momento é propício. O povo americano está sedento por uma política mais radical—uma que seja centrada na solidariedade e cooperação em vez de no ódio, exclusão e violência.

Palavras-chave
Lenin; extrema-direita; Hegel; Estado; Trump.

Abstract
The far Right in America has become radical. In the process, it has outmaneuvered the progressives. In the first months of his second mandate, President Trump has mounted a revolution (or counterrevolution) against the liberal democratic state. Steve Bannon said he was Leninist and wanted to "smash the state." President Trump has done just that. In this essay, I explore the far Right's embrace of Lenin. I return to the Hegelian roots of Lenin's politics to explain what he meant by "smashing the state machine." I then argue that the Left should reclaim Lenin's dialectics and his call, in the April Theses, for a second wave of social movements to overcome President Trump's revolution. The time is right. The American people are hungry for a more radical politics—one that is centered on solidarity and cooperation rather than on hate, exclusion, and violence.

Keywords
Lenin; far right; Hegel; State; Trump.

Resumen
La extrema derecha en América se ha radicalizado. En ese proceso, ha logrado superar estratégicamente a los sectores progresistas. En los primeros meses de su segundo mandato, el presidente Trump emprendió una revolución (o contrarrevolución) contra el Estado democrático liberal. Steve Bannon afirmó ser leninista y que quería "aplastar el Estado". El presidente Trump hizo precisamente eso. En este ensayo, exploro la apropiación de Lenin por parte de la extrema derecha. Regreso a las raíces hegelianas de la política de Lenin para explicar qué quiso decir con "aplastar la máquina del Estado". Sostengo, entonces, que la izquierda debería reapropiarse de la dialéctica de Lenin y de su llamado, formulado en las Tesis de Abril, a una segunda ola de movimientos sociales capaz de superar la revolución del presidente Trump. El momento es propicio. El pueblo estadounidense está ávido de una política más radical: una política centrada en la solidaridad y la cooperación, en lugar del odio, la exclusión y la violencia.

Palabras clave
Lenin; extrema derecha; Hegel; Estado; Trump.

O que deve ser feito em relação à extrema-direita radical?[1]

Em um seminário anterior em fevereiro de 2025, um mês após o início do segundo mandato do Presidente Donald Trump, o crítico W.J.T. Mitchell interveio na discussão para fazer o que ele considerava um ponto conservador: Mitchell pediu a "restauração" da ordem liberal. O Presidente Trump estava no poder havia apenas algumas semanas, mas já havia desmantelado a *U.S. AID* e o Departamento de Educação, demitido legiões de funcionários federais, tomado o controle de agências independentes e se retirado de instituições e acordos internacionais. Mitchell, que se identifica como progressista, não pediu revolução ou mudança radical, mas simplesmente um retorno ao *status quo*. Trump estava esmagando o Estado. Mitchell estava pedindo uma restauração.

Muitos de nós no seminário não pudemos deixar de concordar com Mitchell. As mudanças radicais que o Presidente Trump estava impondo ao país e à ordem global, em apenas algumas semanas, eram sem precedentes e profundamente ameaçadoras.

E apesar da intervenção de Mitchell—e minha reação positiva na época—ainda me deixa perplexo hoje: Como é possível que tantos de nós na esquerda tenhamos nos tornado tão conservadores? O que aconteceu com as ideias radicais de esmagar o Estado, destruir o velho e inaugurar o novo? Para onde foram nossos instintos abolicionistas, especialmente o apelo para desfinanciar a polícia e fechar as instituições da sociedade punitiva? A esquerda realmente queria simplesmente restaurar o Estado Americano, com toda a sua hipocrisia neoliberal, militarização e encarceramento em massa?

Para formular a questão de outra maneira: Desde quando a esquerda desistiu da ideia de transformar radicalmente a sociedade e o Estado, e criar uma nova ordem mundial? O que explica a resistência na esquerda a uma estratégia mais radical de aproveitar o desmantelamento do Estado neoliberal pelo Presidente Trump e então, no caos, tomar o poder e reorientar a política em uma direção verdadeiramente progressista?

A direita radical

A radicalização da direita tem uma longa história nos Estados Unidos. Ela remonta aos Presidentes Ronald Reagan e Richard Nixon, aos Senadores Barry Goldwater, Strom Thurmond e Joseph McCarthy, entre outros. Pode-se traçar suas

[1] Texto original: HARCOURT, Bernard E. *What is to be done about the radical far-right? Hegel, Lenin, Bannon, and the Trump Revolution: On the Dialectics of Smashing the State*. *Bernard Harcourt*, [S.l.], 13 out. 2025. Disponível em: https://bernardharcourt.substack.com/p/what-is-to-be-done-about-the-radical. Acesso em: 24 maio 2026. O texto original foi publicado na plataforma Substack do autor e integra os seminários públicos Hegel 13/13, estando republicado em *The 13/13 Essays*, disponível em: https://the1313.law.columbia.edu/2025/10/13/bernard-e-harcourt-what-is-to-be-done-about-the-radical-far-right-steve-bannon-lenin-hegel-and-the-dialectics-of-smashing-the-state/. Mais informações sobre os seminários Hegel 13/13 disponíveis em: https://hegel1313.law.columbia.edu/. Trata-se de ensaio de caráter ensaístico-oral, sem introdução formal e com subdivisões internas, cuja estrutura discursiva reflete o contexto de sua produção e circulação originais: um texto de intervenção pública, redigido e publicado em plataforma digital. Nesta tradução, optou-se pela manutenção desse estilo, preservando o tom oral e o fluxo argumentativo contínuo do original.

origens ainda mais atrás, ao ataque à Reconstrução na década de 1870, ou mesmo à secessão do Sul. Em tempos recentes, porém, o movimento *Tea Party* é o que tornou a extrema-direita radical.

Steve Bannon, uma figura-chave no *Tea Party*, na verdade se auto-identificou como leninista em 2016. Bannon era o coordenador da Costa Leste dos grupos do *Tea Party* na época, e em breve se tornaria estrategista-chefe durante os primeiros oito meses do primeiro mandato de Trump. Em uma conversa com Ronald Radosh, Bannon teria dito: "Eu sou um leninista."[2] Quando perguntado o que ele queria dizer com isso, Bannon teria respondido: "Lenin queria destruir o Estado e esse é meu objetivo também. Quero fazer tudo desmoronar e destruir todo o *establishment* de hoje."

Para Bannon, os conservadores americanos tradicionais eram moderados demais. O Partido Republicano não era radical o suficiente. Mesmo a *National Review* e *The Weekly Standard*, revistas neoconservadoras conhecidas eram, nas palavras de Bannon, "revistas de esquerda, e quero destruí-las também." Bannon mirou em esmagar todo o *establishment* político, incluindo o Partido Republicano e sua liderança no Congresso, e construir um novo sistema político baseado nos princípios do *Tea Party* (e agora *MAGA*).

Muitos outros na extrema-direita, como o ativista Christopher Rufo, também afirmam ser radicais. Em uma entrevista no podcast do *The New York Times*, *The Daily*, em 11 de abril de 2025, Rufo declara: "Acho que na verdade somos uma força contra-radical na vida americana que, paradoxalmente, tem que usar o que muitos veem como técnicas radicais."[3]

Agora, é Lenin quem mais famosamente pediu para esmagar o Estado. E isso levanta um verdadeiro enigma: Como é possível que a extrema-direita hoje tenha se tornado leninista e a esquerda burkeana?

Esmagando o Estado

Lenin famosamente defendeu esmagar o Estado nos meses que antecederam a revolução bolchevique de outubro de 1917 em seu livro "O Estado e a Revolução", que foi publicado alguns meses depois em 1918. Lenin confrontava a estratégia social-democrata de usar o processo eleitoral para mover o Estado em direção ao socialismo, e ele defendia em vez disso uma abordagem mais radical, ou seja, quebrar e esmagar a maquinaria do Estado. Ele atribuiu essa abordagem mais radical a Marx, mais especificamente ao Marx de 1852. Lenin escreveu:

> Nesse notável raciocínio [*O Dezoito Brumário de Luís Napoleão*] marxismo realiza um progresso considerável em relação ao *Manifesto Comunista*. A questão do Estado era ainda posta, no Manifesto, de uma forma muito abstrata, nos termos e expressões mais gerais. Aqui [*O Dezoito Brumário de Luís Napoleão*], a questão se põe concretamente e a dedução é inteiramente precisa, bem definida, praticamente tangível: *todas as revoluções anteriores não fizeram senão aperfeiçoar a máquina governamental, quando o necessário é abatê-la, quebrá-la [esmaga-la]*
> Essa decisão constitui o próprio fundo, o essencial da doutrina marxista sobre o Estado. E é precisamente essa coisa essencial que foi não só esquecida pelos partidos social-

[2] Radosh, *Steve Bannon, Trump's Top Guy, Told Me He Was "a Leninist"*.
[3] Rufo, *The Conservative Activist Pushing Trump to Attack U.S. Colleges*.

> democratas oficiais dominantes, mas também desnaturada de maneira flagrante (como veremos adiante) pelo mais eminente teórico da II Internacional, Karl Kautsky.[4]

O "Manifesto Comunista", argumentou Lenin, não abordou a questão-chave de como um Estado proletário poderia deslocar um Estado burguês, como uma questão histórica e prática. Ele foi silencioso sobre o método real de transformação. Em contraste, Marx respondeu especificamente a essa questão em "O Dezoito Brumário". Lenin prossegue dizendo:

> Marx colocou e resolveu essa questão em 1852. Fiel à sua filosofia do materialismo dialético, funda sua doutrina na experiência histórica dos grandes anos revolucionários: 1848-1851. Como sempre, a doutrina de Marx é aqui um resumo das lições da experiência, iluminadas por uma concepção filosófica profunda e um rico conhecimento da história.[5]

A menção de Lenin à "profunda concepção filosófica do mundo" de Marx era uma referência ao engajamento profundo e constante de Marx com os escritos de Hegel. E a este respeito, como observa Kevin B. Anderson, Lenin também estava referenciando seu próprio estudo de Hegel em 1914-1915.[6]

Alguns poderiam argumentar que o apelo de Lenin para "esmagar o Estado" era decididamente "não-hegeliano", não apenas porque o Estado é o ápice da realização da liberdade no pensamento político de Hegel, mas também porque a ideia parece não-dialética. Ela parece assumir a possibilidade do fim do Estado, ou o fim da história, e isso parece minar o movimento dialético no pensamento de Hegel (mesmo que muitos estudiosos de Hegel, notoriamente Alexandre Kojève, o leiam para argumentar pôr um fim da história).

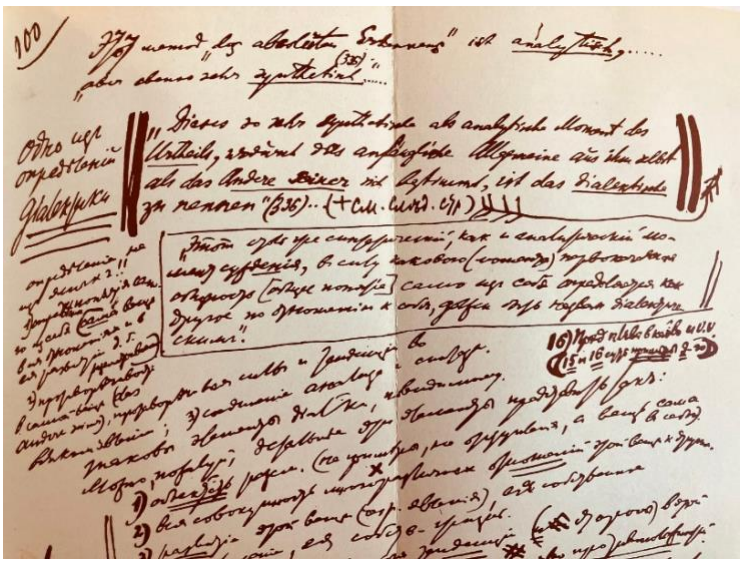
Eu argumentaria, em vez disso, que o apelo de Lenin para "esmagar a máquina do Estado" era inteiramente hegeliano e deve ser compreendido como o produto do estudo de Lenin sobre Hegel em 1914-1915. Pode ser útil, então, retornar ao confronto de Lenin com a Ciência da Lógica de Hegel, para dar sentido à sua política posterior em 1917. Isso nos dará uma melhor compreensão da ideia de "esmagar a máquina do estado"—o que isso pode significar, e como podemos reimplantar a ideia na esquerda hoje.

O retorno de Lenin a Hegel

Em sua hora mais sombria, na eclosão da Primeira Guerra Mundial, em um momento em que os partidos operários internacionalistas se tornaram nacionalistas e patrióticos, e a Segunda Internacional entrou em colapso, Lenin mergulhou em um estudo de meses da Ciência da Lógica de Hegel. Na sala de leitura da biblioteca de Berna na Suíça, no exílio, Lenin se enterrou nos escritos de Hegel, copiando passagens, anotando-as, escrevendo comentários.

---

[4] Lênin, *O Estado e a Revolução*, p. 63, ênfase do autor.
[5] Lênin, *O Estado e a Revolução*, p. 64.
[6] Anderson, *Lenin, Hegel, and Western Marxism*, p. 231.



A experiência foi formativa. Como Lenin famosamente exclamou em seus Cadernos Filosóficos—talvez na passagem mais famosa—ler Hegel era essencial para compreender Marx: "*Aforismo*: não se pode compreender plenamente *O Capital* de Marx, e particularmente o seu primeiro capítulo, sem ter estudado e compreendido *toda* a *Lógica* de Hegel. Portanto, meio século depois de Marx, nenhum marxista o compreendeu!"[7]

Estudiosos como Georg Lukács, Henri Lefebvre, C.L.R. James, Raya Dunayevskaya, Louis Althusser, Elias Murqus, Kevin B. Anderson e Slavoj Žižek, e figuras como o próprio Mao (especialmente em "Sobre a Contradição" de 1937), há décadas já chamam nossa atenção para a leitura de Hegel por Lenin. A este respeito, recomendo altamente o estudo de Anderson de 1995, "Lenin, Hegel, and Western Marxism: A Critical Study", bem como um seminário brilhante com professores, colegas e estudantes da Columbia sobre a leitura de Hegel por Lenin no Hegel 13/13 em 8 de outubro de 2025.

Na minha leitura, Lenin encontrou duas ideias inter-relacionadas de maior interesse nos escritos de Hegel: primeiro, o elemento de "movimento interno" no cerne de toda vida e mudança social; e segundo, como esse elemento de movimento interno alimenta um processo dialético.

Primeiro, ao longo de seu comentário, Lenin se concentra no movimento, mais especificamente no que ele chama de "movimento interno". Como Stathis Gourgouris enfatizou em nosso seminário recente, Lenin colocou a ênfase no "auto" em "automovimento": é um processo que vem de dentro, que é imanente. Em uma passagem reveladora, Lenin escreve:

> O Movimento e o 'movimento interno' (isto N.B.! - auto-movimento, espontâneo, interno-necessário), 'a mudança', 'o movimento e a vida', 'o princípio de todo movimento interno', 'o impulso' ao 'movimento' e à 'atividade' - a oposição ao 'ser morto'- quem diria que esta é a essência do hegelianismo, deste abstrato e *abstrusen* (pesado, abstruso) hegelianismo? Era preciso compreender esta essência, descobri-la, destrinçá-la, expurgá-la - e foi o que fizeram Marx e Engels.

[7] Lênin, *Cadernos sobre a Dialética de Hegel*, p. 157.

> A ideia do movimento universal e da mudança (1813, *Lógica*) foi vislumbrada previamente à sua aplicação à vida e à sociedade[8]. Foi aplicada à sociedade (1847) Em relação à sociedade, ela foi proclamada antes (1847) antes de ser demonstrada em sua aplicação ao homem (1859).[9]

Lenin elabora essas noções hegelianas em seu ensaio "Sobre a Questão da Dialética", 1915. Lá, ele ressalta que existem duas maneiras de interpretar a concepção de "movimento" no cerne da mudança histórica: a primeira é a ideia de que o desenvolvimento histórico é um vai e vem, uma repetição, ou o que ele chama de "diminuição e aumento"; a segunda é a ideia do desenvolvimento histórico como a "unidade de contrários" ou "a divisão da unidade em dois pólos mutuamente excludentes e a relação entre eles."[10] A segunda, é claro, é a abordagem hegeliana ou dialética.

De acordo com Lenin, a primeira interpretação falha em compreender a fonte do desenvolvimento histórico porque falha em ver que o movimento é interno. Em vez disso, projeta uma força motriz externa, como Deus ou um sujeito. É, ele escreve, "inerte, insípida e ressecada."

Em contraste, a segunda abordagem, mais hegeliana, concentra-se no automovimento e, como resultado, oferece uma chave para desbloquear o movimento da história: "somente a concepção do desenvolvimento no sentido da unidade dos contrários explica os 'saltos' que 'quebram a continuidade do desenvolvimento', a 'mudança em favor do seu contrário', a destruição do velho e o surgimento do novo."

Esta unidade de opostos, afirma Lenin, ajuda a compreender todos os fenômenos históricos. Em suas palavras, ela fornece "o reconhecimento (descoberta) da existência de tendências contraditórias e mutuamente excludentes e antagônicas em todos os fenômenos e processos da natureza (tanto os do espírito quanto os da sociedade). A condição para o conhecimento de todos os processos do universo em seu 'automovimento', em seu desenvolvimento espontâneo, em sua vida real, está na unidade das contradições."

Automovimento em ação

As meditações de Lenin sobre o automovimento em 1914-15 moldaram suas visões políticas e práxis nos anos que se seguiram—alguns dos anos mais consequentes para Lenin e a Rússia.

Após a primeira revolução de fevereiro de 1917, que levou à abdicação de Nicolau II, Lenin pediu uma segunda revolução operária. Nas "Teses de Abril", pronunciadas naquele mês em 1917 (novamente, logo após seu estudo da "Ciência da Lógica" de Hegel) Lenin argumentou que os bolcheviques precisavam montar uma segunda revolução proletária na esteira da primeira revolução burguesa. Apenas isso garantiria a mudança política. Lenin escreveu:

---

[8] Lênin se refere ao surgimento das seguintes três obras: a *Ciência da Lógica* de Hegel (cujos dois primeiros livros foram publicados em 1812 e 1813, respectivamente); o *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels (redigido no final de 1847 e publicado em fevereiro de 1848); e *A Origem das Espécies* de Darwin (publicada em 1859).

[9] Lênin, *Cadernos sobre a Dialética de Hegel*, p. 132.

[10] Tanto esta quanto as três próximas sequências de citações "*Sobre a Questão da Dialética*" de Lênin foram retiradas de: Lênin, *Sobre a Questão da Dialética*.

> A peculiaridade do momento actual na Rússia consiste na transição da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e organização, para a sua segunda etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato.[11]

O apelo de Lenin por uma segunda revolução pode ser compreendido, eu sugiro, através das lentes daquela segunda concepção viva de automovimento, aquela que Lenin havia acabado de descobrir alguns meses antes na "Ciência da Lógica" de Hegel. Ela representa o salto histórico, ruptura, transformação associada com "a destruição do velho e o surgimento do novo." E ela ressoa hoje também.

A primeira revolução Trump (ou contrarrevolução)

O que estamos experimentando hoje, no primeiro ano do segundo mandato de Trump, é na verdade o equivalente a uma primeira revolução burguesa. A (contra)revolução Trump está derrubando a ordem política estabelecida.

A (contra)revolução do Presidente Trump é "burguesa" no sentido de que é uma aliança formada principalmente por pessoas abastadas da classe média aposentadas e um punhado de bilionários. O movimento *MAGA* hoje é predominantemente (pelo menos 60%) branco, cristão e masculino, e a maioria é aposentada e tem mais de 65 anos de idade[12]. Estes são os burgueses na América hoje. Eles são a classe média. E eles migraram em massa para o campo *MAGA*. Então, embora o Presidente Trump possa estar beneficiando principalmente bilionários (através da reforma tributária e contratos governamentais), sua revolução se assemelha muito às revoluções burguesas convencionais dos séculos dezoito e vinte.

Agora, naquelas primeiras revoluções convencionais—que frequentemente chamamos de revoluções modernas seguindo Reinhart Koselleck—a burguesia derrubou um autocrata, Luís XVI no caso da Revolução Francesa, o Czar Nicolau II no caso da Revolução de Fevereiro na Rússia, Jorge III no caso das colônias americanas.

Em contraste, aqui nos Estados Unidos não haviam autocratas. Na verdade, é o Presidente Trump quem está agindo como um autocrata e tomando poderes imperiais. Mas entendo que, do ponto de vista da base *MAGA*, o poder autocrático que está sendo desmantelado é um "estado profundo" percebido, composto por membros da elite de Washington e liberais da Costa Leste que consolidaram seu poder e recursos.

Há uma percepção amplamente compartilhada entre os proponentes *MAGA*, e na verdade em círculos mais amplos, de que o sistema político americano está quebrado e beneficia apenas as elites liberais. Entrelaçada a essas críticas está a ideia de que o poder se concentra nas mãos de uma cabala de elites tecnocráticas e bem conectadas.

---

[11] Lênin, *Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução*.

[12] Cf. Painel de Estudos sobre o Movimento MAGA de Rachel M. Blum (Assistant Professor, University of Oklahoma) e Christopher Sebastian Parker (Professor, University of Washington, Demographics & Group Affinities), disponível em: https://sites.uw.edu/magastudy/demographics-group-affinities/.

Então, há um elemento análogo, na revolução *MAGA*, de destituir o poder autocrático ou concentrado. O que está faltando, é claro, são as convulsões sociais em larga escala que desencadearam as revoluções modernas. A guerra mundial desastrosa no caso da Rússia. A escassez de pão no caso da França. Embora talvez possamos imaginar a revolução das mídias sociais e o advento da IA, assim como a globalização e as mudanças climáticas, como convulsões que alimentaram o sentimento revolucionário.

Uma segunda Revolução

A questão-chave que isso levanta é por que a esquerda hoje não está pedindo um segundo movimento revolucionário na esteira da primeira revolução burguesa do Presidente Trump?

Isso é especialmente intrigante porque o povo americano, ao que parece, está tão sedento por política radical. A extrema-direita ganhou tanto impulso hoje precisamente porque é radical. Porque está canalizando o sentimento generalizado de que o sistema político está quebrado e serve apenas aos interesses das elites liberais. Porque apropriou-se de Lenin e da linguagem leninista de esmagar o Estado e drenar o pântano.

Mais uma vez, infelizmente, a esquerda foi superada estrategicamente em seu próprio terreno. Na minha opinião, é hora de reclamar a linhagem hegeliana de Lenin e a ideia-chave de automovimento, aproveitar o esmagamento da máquina do Estado, e pedir um segundo movimento social para superar a revolução do Presidente Trump e trazer uma sociedade nova e justa—com base na solidaridade e cooperação, em vez de no ódio e exclusão.

A dialética de esmagar a máquina do Estado

Como insinuei anteriormente, muitos na esquerda temem que a ideia de "esmagar o Estado" não seja muito dialética e, portanto, um instrumento demasiado contundente.

Mas acho que é importante distinguir "o Estado" de "a máquina do Estado" na política de Lenin. Acontece que Lenin tinha uma relação profundamente dialética com o Estado. O Estado era algo que ele imaginava continuando após o segundo movimento—ou, em jargão mais técnico, ele acreditava que seria superado, não eliminado.

Lenin pediu para esmagar a "máquina" do Estado, mas ao mesmo tempo, ele também reconheceu que o "Estado" continuaria em uma forma diferente, ou seja, através do autogoverno de massa direto por trabalhadores industriais e agrícolas. O que ele defendeu foi uma transformação dialética do Estado que levaria, em última análise, à sua superação—as famosas referências ao Estado "definhando"—quando não houvesse mais nenhum conflito de classes na sociedade. E ele acreditava que definharia eventualmente porque, em sua visão, a função primária do Estado é manter e impor o privilégio de classe, mas isso acabaria evaporando com a eliminação das classes.

Então o Estado continua a existir, na visão de Lenin, mesmo depois que a máquina do Estado é esmagada—pelo menos até algum futuro distante quando não houver mais classes na sociedade. Esmagar a "máquina do Estado" pode ser distinguido de esmagar "o Estado."

Como Kevin Anderson explica, "A era do imperialismo, com seu capitalismo monopolista e planejamento centralizado ainda maior, havia criado o que Lenin chamou de 'o processo de transformação do capitalismo monopolista em capitalismo monopolista de Estado', o que significava uma máquina do Estado fortalecida governando sobre os trabalhadores."[13] Lenin se referiu à "extraordinária consolidação da "máquina governamental", o inaudito crescimento do seu aparelho administrativo e militar, ao mesmo tempo que se multiplicam as repressões contra o proletariado..."[14]

Lenin era contrário a trabalhar dentro deste tipo de "máquina governamental" e defendia, em vez disso, sua destruição. Mas a máquina do Estado era diferente do Estado.

Com base na descrição de Marx da Comuna de Paris em seu ensaio de 1871 "Guerra Civil na França", Lenin defendeu que o poder político fosse mantido nas mãos dos sovietes—os conselhos de trabalhadores e camponeses.[15] Lenin aspirava a uma transformação em direção a uma condição política na qual todos assumiriam, em algum momento, as responsabilidades da máquina do Estado, de modo que ninguém seria um burocrata puro e a maquinaria do Estado não se cristalizaria em nenhuma classe. Lenin escreveu:

> Não se trata de aniquilar o funcionalismo de um golpe, totalmente e por toda parte. Eis onde estaria a utopia. Mas destruir sem demora a velha máquina administrativa, para começar imediatamente a construir uma nova, que permita suprimir gradualmente o funcionalismo, isso não é uma utopia, é a experiência da Comuna, é a tarefa primordial e imediata do proletariado revolucionário.[16]

Ou, em outra passagem:

> Longe de incutir nas massas operárias que se aproxima o momento em que deverão lançar-se à luta e destruir a velha máquina do Estado, substituindo-a com uma nova e convertendo deste modo a sua dominação política na base da reorganização da sociedade socialista da sociedade.[17]

Ou, em outra passagem citada por Anderson:

> Os trabalhadores, depois de conquistar o poder político, esmagarão o velho aparato burocrático, quebrar-lhe-ão até suas próprias fundações, e o arrasarão até o chão; eles o substituirão por um novo, consistindo dos mesmos trabalhadores e outros empregados, contra cuja transformação em burocratas as medidas serão imediatamente tomadas que foram especificadas em detalhe por Marx e Engels: (1) não apenas eleição, mas também destituição a qualquer momento; (2) pagamento não superior ao de um operário; (3)

[13] Anderson, *Lenin, Hegel, and Western Marxism*, p. 231.
[14] Lênin, *O Estado e a Revolução*, p. 68.
[15] Anderson, *Lenin, Hegel, and Western Marxism*, p. 232.
[16] Lênin, *O Estado e a Revolução*, p. 87.
[17] Lênin, *O Estado e a Revolução*, p. 91.

> introdução imediata de controle por todos, de modo que todos possam se tornar 'burocratas' por um tempo e que, portanto, ninguém possa ser capaz de se tornar um 'burocrata'.[18]

Uma palavra de cautela

Agora, não pretendo me atolar em leninologia, nem nos detalhes intrincados do debate de Lenin com Karl Kautsky ou Rosa Luxemburgo—tanto quanto não quero ficar preso à afirmação de Steve Bannon de ser leninista, nem às suas interpretações de Lenin.

Meu ponto é que há uma natureza dialética e, neste sentido, uma dimensão hegeliana no apelo de Lenin para esmagar a "máquina do Estado": não é pura negatividade, nem pura destruição, mas sim um apelo por um aparato estatal diferente. Há automovimento. E isso também ressoa hoje.

O esmagamento do Estado por Trump

Não há dúvida de que nem o Presidente Trump nem Steve Bannon estão pedindo para simplesmente esmagar o Estado. Eles não defendem o anarquismo. Eles também estão transformando a máquina do Estado em outra forma estatal.

O Presidente Trump está esmagando o estado administrativo para criar um estado policial mais concentrado. O *Big Beautiful Bill* do Presidente Trump transformou o ICE na maior agência de aplicação da lei da história americana e financiou novas instalações de detenção do ICE no valor de US$ 45 bilhões. O Presidente Trump reconstruiu o campo em *Guantánamo Bay* em uma instalação massiva de deportação. Ele transformou o Departamento de Defesa no Departamento de Guerra, lançou bombas perfura-bunkers no Irã e está travando um novo e sem precedentes assalto militar contra suspeitos de tráfico de drogas em águas internacionais. E mesmo em relação às agências que ele esvaziou, como o Departamento de Educação, o Presidente Trump está reconstituindo suas missões através de acordos coercitivos de pagamento por favores, como aqueles com escritórios de advocacia individuais, universidades de pesquisa e países estrangeiros.

Isso representa uma visão de um robusto estado policial, com agentes mascarados do ICE sequestrando pessoas com base na cor de sua pele e pessoal militar policiando cidades urbanas. É também um estado amuralhado. Seria ingênuo demais sugerir que o Presidente Trump está simplesmente "esmagando o estado". Ele está, em vez disso, gerando um estado policial.

Um segundo movimento revolucionário hoje

Agora, dado que o Presidente Trump já está desmantelando o estado administrativo, com ou sem nossa aprovação e diante de pouca resistência do Partido Democrata, a melhor estratégia para a esquerda—o que chamei em outro lugar de "contra-movimento", ou o judô—é, em vez de se opor ao que ele está

[18] Anderson, *Lenin, Hegel, and Western Marxism*, p. 486.

fazendo, redirecionar a força e o *momentum* de suas ações em direção a uma agenda progressista, criando mais justiça, equidade, oportunidade para todos, especialmente a classe trabalhadora.

A esquerda deveria aproveitar o momentum e impulsionar um segundo momento revolucionário hoje, como Lenin exortou em suas "Teses de Abril". O tempo da restauração acabou. Bannon, o leninista, deve ser superado. Precisa haver um segundo automovimento.

Que forma deveria tomar este segundo movimento social? Essa, eu acho, é a questão mais urgente e importante para a esquerda abordar hoje. É o que a esquerda precisa descobrir mais prementemente. E apenas um punhado de líderes políticos parecem estar sintonizados com isso—Bernie Sanders, AOC, Zohran Mamdani. Mas esta é a questão-chave para a esquerda agora.

Revolução violenta, como a revolução bolchevique de Lenin, está fora de questão—nem que seja apenas porque a extrema-direita é a única força revolucionária violenta na sociedade americana hoje e está armada até os dentes. A extrema-direita é muito mais propensa a se engajar em revolução armada do que qualquer outra facção da sociedade americana, e mais propensa a vencer. Então a violência está fora de cogitação.

O que então poderia parecer um segundo levante?

Eu acho que seria um movimento massivo por solidariedade e cooperação diante do ódio, exclusão e violência que estão jorrando da administração Trump—desde os agentes mascarados do ICE, até as execuções sumárias em águas internacionais, até os militares inundando nossas ruas urbanas.

O que precisamos agora é um contra-movimento massivo derramando solidariedade e cooperação em todas as facetas da vida. Isso incluiria saúde universal como na maioria dos nossos países parceiros. Programas de treinamento profissional para todos se requalificarem na era da inteligência artificial. Cuidados de saúde mental para todos. Promover cooperativas de trabalhadores, cooperativas de alimentos e cooperativas habitacionais para moradia acessível. Significaria criar organizações que priorizem todas as partes interessadas, comunidades e o meio ambiente, em vez de simplesmente os investidores. Essas ideias—e mais—são no que precisamos nos concentrar agora, imediatamente, para desencadear uma segunda onda, uma reação em cadeia, um segundo automovimento progressista revolucionário, para superar a revolução Trump.

Nunca deixe uma crise séria ser desperdiçada

A expressão deve ser familiar, mesmo que seja geralmente associada à direita. Você se lembrará de que Philip Mirowski a usou no título de seu livro homônimo para descrever como os neoliberais aproveitaram a Grande Recessão para promover sua agenda de liberalismo de livre mercado.[19] Naomi Klein se baseou na ideia para descrever os neoconservadores de Chicago em seu livro "A Doutrina do Choque"[20]. E embora a expressão seja frequentemente atribuída a Winston

[19] Mirowski, *Never Let a Serious Crisis Go to Waste*.
[20] Klein, *A Doutrina do Choque*.

Churchill, é claro que ela foi apropriada repetidamente pela extrema-direita. É a estratégia-chave de Bannon.

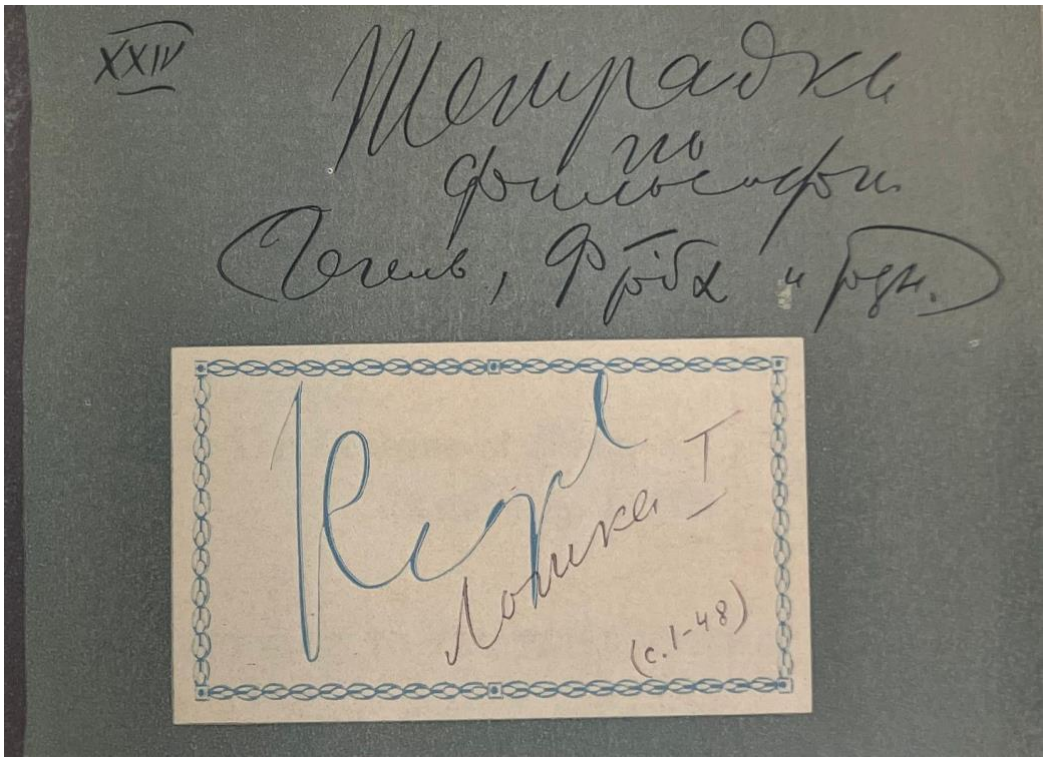
Bem, aqui também há uma conexão com Lenin. Em seus escritos sobre os levantes populares irlandeses, que ele considerava prematuros, Lenin, no entanto elogiou as revoltas por contribuírem para o automovimento da história.

> A dialética da história é tanta que as pequenas nações, impotentes como um fator independente na luta contra o imperialismo, desempenham seu papel como fermentadora, um germinador, que ajudam a força anti-imperialista real, o proletariado socialista, a entrar em cena.[21] [Lenin dificilmente poderia ter soado mais hegeliano!]

E depois de elogiar o levante irlandês, Lenin acrescenta:

> Seríamos revolucionários muito fracos se, nas grandes guerras de libertação do proletariado pelo socialismo, não soubéssemos como utilizar todo movimento popular contra todo desastre que o Imperialismo traz a fim de intensificar e estender a crise.[22]

É hora, novamente, de a esquerda aproveitar o momentum e não deixar esta crise ser desperdiçada. As apostas são altas demais.



[21] Lênin, *A Rebelião Irlandesa de 1916*.
[22] Lênin, *A Rebelião Irlandesa de 1916*.

Referências

ANDERSON, Kevin B. *Lenin, Hegel, and Western Marxism*: a critical study. Urbana: University of Illinois Press, 1995.

ANDERSON, Kevin B. *Lenin, Hegel, and Western Marxism*: a critical study. Leiden/Boston: Brill, 2002.

BLUM, Rachel M.; PARKER, Christopher Sebastian. *Panel study of the MAGA movement*: demographics & group affinities. Disponível em: https://sites.uw.edu/magastudy/demographics-group-affinities/. Acesso em: 24 maio 2026.

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque*: a ascensão do capitalismo de desastre. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LÊNIN, V. I. *Cadernos sobre a dialética de Hegel*. Introdução de Henri Lefebvre e Norbert Guterman. Trad. José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011.

LÊNIN, V. I. *O Estado e a revolução*. Introdução de Francisco Máuri de Carvalho Freitas. Campinas: FE/UNICAMP, 2011.

LÊNIN, V. I. *A rebelião irlandesa de 1916*. Trad. Gabriel Duccini. out. 1916. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/10/91.htm. Acesso em: 30 maio 2026.

LÊNIN, V. I. *Sobre a questão da dialética*. Trad. Humberto Rodrigues. 1915. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1915/mes/dialetica.htm. Acesso em: 30 maio 2026.

LÊNIN, V. I. *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução*. Trad. Edições "Avante!". 7 abr. 1917. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm. Acesso em: 30 maio 2026.

MIROWSKI, Philip. *Never let a serious crisis go to waste*: how neoliberalism survived the financial meltdown. New York; London: Verso, 2013.

RADOSH, Ronald. Steve Bannon, Trump's top guy, told me he was 'a Leninist'. *The Daily Beast*, 22 ago. 2016. Disponível em: https://www.thedailybeast.com/steve-bannon-trumps-top-guy-told-me-he-was-a-leninist/. Acesso em: 24 maio 2026.

RUFO, Christopher. The conservative activist pushing Trump to attack U.S. colleges. Entrevistado por Michael Barbaro. In: *The Daily*. New York: *The New York Times*, 11 abr. 2025. Podcast. Disponível em: https://www.nytimes.com/2025/04/11/podcasts/the-daily/christopher-rufo-dei-critical-race-theory.html. Acesso em: 24 maio 2026.